

“Velhinhos travessos” lutam por uma política moderna

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

A democracia representativa passa por uma crise em diversas partes do mundo ocidental, e o Brasil não foge à regra. Segundo a última pesquisa DataFolha realizada em dezembro de 2021, apenas 10% dos entrevistados consideram o trabalho do Congresso Nacional como ótimo ou bom, o menor índice na atual legislatura, contra 41% que apontam como sendo ruim ou péssimo. O mesmo instituto, em setembro do ano passado, revelou que 61% dos brasileiros não confiam nos partidos políticos, enquanto 35% dizem confiar um pouco e somente 3% têm muita confiança.

Os escândalos de corrupção e as decisões corporativas presentes na vida dos legislativos nos planos nacional, estadual e municipal têm contribuído sobremaneira para o agravamento desse cenário. Uma das consequências imediatas é o aumento do ceticismo em relação à própria atividade política, que vem sendo criminalizada por parte significativa da sociedade. Isso se materializa no elevado percentual de abstenções, votos nulos e brancos, cuja soma alcançou 29,12% do eleitorado em 2018 e 33,35% em 2020.

Diante dessa situação, a boa notícia foi que, nos últimos anos, vimos o surgimento de movimentos da sociedade civil interessados em renovar a política no país. Experiências como RenovaBR, Livres, RAPS, entre outras, procuraram, cada qual a seu modo, melhorar a qualidade da representação política, estimulando o ingresso na disputa eleitoral de nomes que conseguissem expressar ideias e valores republicanos e democráticos.

Outra característica relevante dessas iniciativas é a presença majoritária de jovens exercendo as funções de liderança. E isso é muito bom, mas o que você diria se alguém lhe contasse que um grupo de septuagenários resolveu se juntar para mudar os rumos da política no país? Pois é... Ano passado, tive a oportunidade de conhecer a Associação Grita!, uma ONG de comunicação, criada há dois anos, por engenheiros que se graduaram no ITA nas décadas de 1960 e 1970.

Apesar da idade avançada que os sobrija de votar, eles nunca deixaram de

exercer esse direito por acreditarem na força do voto como instrumento de mudança. Entretanto, perceberam que, para além da ação individual, seria importante dar um passo adiante, de forma coletiva, na perspectiva de poderem contribuir para a inadiável transformação da realidade do país.

Na contramão do senso comum que privilegia o debate em torno da disputa presidencial, eles colocaram seu foco de atuação na luta para mudar o atual perfil do Congresso Nacional. Desde sua constituição, a associação tem procurado identificar parlamentares que sejam políticos sérios, honestos e comprometidos com a modernização democrática do Legislativo. Foram inúmeras reuniões e debates com a participação de jornalistas, cientistas sociais e representantes de lideranças de diversos partidos que permitiram compreender melhor o tamanho do desafio.

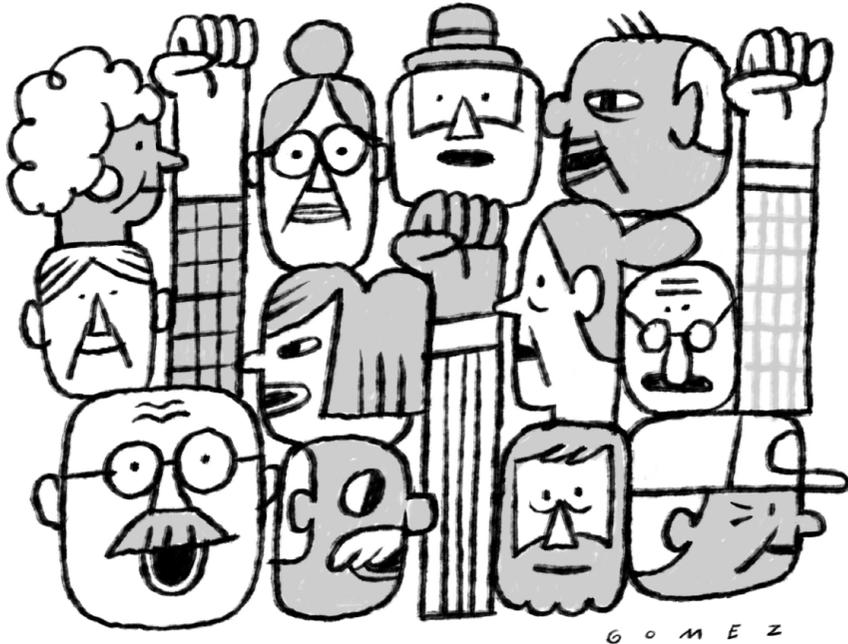
Com base nesse propósito, definiram uma pauta em torno da qual esperam conseguir a adesão de um conjunto de candidatos e candidatas ao parlamento federal, independentemente de filiação partidária. Entre os pontos, destacam-se questões como o fim do foro privilegiado, o apoio integral à Lei da Ficha Limpa e a adoção do voto distrital.

Só que não pararam por aí. Como velhinhos cheios de energia, resolveram agora

dar um passo ainda mais ousado. No ano em que se comemora o centenário da Semana de Arte Moderna e buscando inspiração no espírito provocador e disruptivo de figuras icônicas como Oswald de Andrade, Pagu, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, estão promovendo um evento denominado “Semana da Política Moderna”. O objetivo é provocar o debate sobre quais caminhos precisam ser construídos e trilhados para modernizar a maneira de fazer política no país. A expectativa é de que os palestrantes e o público participante apresentem uma ou mais respostas para a pergunta “o que é política moderna?”.

Depois da decepção causada pela atuação de muitos dos arautos que se elegeram em 2018 apoiados no mote da “nova política”, a expectativa do Grita! é avançar no debate e na mobilização para influenciar no processo eleitoral de maneira a apoiar a eleição de uma bancada pluripartidária comprometida com os pontos que compõem sua pauta.

Com dedicação, desprendimento e otimismo, eles pretendem provocar uma onda mobilizadora, um verdadeiro tsunami renovador no pleito de 2 de outubro. Há quem diga ser sonho de uma noite de verão. Sem dúvida, a empreitada é bastante desafiadora, mas recomendo não duvidarmos desses velhinhos travessos.



Evasão escolar, desafio redobrado na pandemia e o papel dos livros

» ÂNGELO XAVIER

Presidente da Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional (Abrelivros)

Problema que estava diminuindo lentamente no país, a evasão escolar aumentou durante a pandemia de covid-19 e trouxe à tona desafios ainda maiores para professores e gestores da educação, especialmente de escolas públicas, além da rede particular.

Na faixa etária de 6 a 14 anos, cresceu 171% o número de crianças e jovens fora da escola, refletindo também o fechamento prolongado dos colégios. Levantamento do Todos pela Educação, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), captados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), mostra que, no segundo trimestre de 2021, havia 244 mil alunos fora da escola, contra 90 mil em igual período em 2019.

Entre jovens de 15 a 17 anos, foi mantida a tendência de queda no percentual de alunos fora da escola e que não concluíram o Ensino Médio, atingindo 4,4% ou 407 mil no segundo trimestre do ano passado. Especialistas alertam que os dados de evasão no ensino médio registrados no estudo, divulgado em dezembro, ainda não refletem a realidade da pandemia. Isso porque, no caso das crianças mais novas, as famílias indicaram o abandono, enquanto os jovens, mesmo sem acompanhar as aulas, ainda se consideram nas escolas.

Além de fatores econômicos, como desemprego elevado e renda menor, as

enormes dificuldades para os alunos assistirem às aulas de forma remota, principalmente na rede pública, ajudam a explicar a alta da evasão escolar. A falta de acesso a computadores e internet fez muitas crianças e adolescentes desistirem de estudar. Há casos até de jovens que abandonaram os estudos para trabalhar.

Para garantir o direito à educação a todas as crianças e jovens, é essencial reconquistar os alunos que abandonaram as escolas. Muitos estados e municípios estão tentando combater a evasão. É fundamental buscar inovações e adotar práticas locais para atrair novamente os estudantes. Em alguns estados, numa busca ativa, até alunos e ex-alunos recebem uma quantia em dinheiro para localizar quem está fora da sala de aula.

O desafio é ainda maior no Ensino Médio, onde é mais complexo convencer um jovem a retomar os estudos. E quem não conclui o Ensino Médio tem um risco maior de ingresso prematuro num mercado de trabalho informal.

Nesse cenário, livros e materiais didáticos — físicos e digitais — se tornam ainda mais relevantes para incentivar crianças e adolescentes a voltar aos bancos escolares. Com o retorno às aulas presenciais, há a necessidade de retomar conteúdos que ficaram prejudicados, e o material didático é muito importante no processo de ensino-aprendizagem.

Com a pandemia, professores e alunos se

viram obrigados a buscar novas formas de trabalhar os conteúdos e, assim, houve destaque para o digital. Agora, vemos um cenário de forte complementariedade entre os conteúdos físicos e digitais, inclusive no material escolar do novo ensino médio, que entra em vigor este ano.

As produções de livros e materiais didáticos das editoras apresentam métodos e dinâmicas atraentes para as atuais gerações de alunos já nascidos na era digital. Eles têm acesso a inovadoras tecnologias educacionais.

Com a volta às aulas, está prevalecendo a escolha por conteúdos didáticos híbridos, com impressos acompanhados do digital. No caso das escolas públicas, o MEC tem comprado livros impressos para os alunos, e os professores recebem também recursos digitais para apoiar as aulas. No âmbito do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), só em 2021, foram distribuídos mais de 136 milhões de livros a 29 milhões de alunos da educação básica de todo o país.

Os novos livros e materiais, enriquecidos com recursos digitais, vão ajudar professores e alunos a recuperar o aprendizado comprometido na pandemia. Nosso grande desafio é combater a exclusão escolar, que afeta, principalmente, quem vive em situação mais vulnerável. Assim, vamos enfrentar as enormes desigualdades na educação e mirar um desenvolvimento sustentável do país.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Fartura e fome na terra do nunca

Com uma expectativa de aproximadamente 300 milhões de toneladas de grãos para a safra 2021/2022, o Brasil repete, ano após ano, recordes de produção agrícola, numa média de 10% a 15% de aumento das áreas de plantio anual, o que configura nosso país como um celeiro mundial. Em 2021, a produção brasileira de proteína animal, a despeito da pandemia, registrou outro recorde seguido, com 14,3 milhões de toneladas de carne de frango, 4,7 milhões de toneladas de suínos, somados à produção de 54 milhões de ovos. Ainda em 2020, o rebanho bovino brasileiro foi considerado o maior do planeta, com 217 milhões de cabeças, ou 14,3% do rebanho mundial.

Diante de números dessa magnitude na produção de gêneros alimentícios, o que se pressupõe, à primeira vista, é que toda essa fartura beneficie diretamente os brasileiros, fazendo de nossa gente uma das populações mais bem alimentadas do planeta Terra.

Da perspectiva dos números superlativos da agricultura e mesmo da balança comercial, o cidadão brasileiro comum vive numa eterna e pantagruélica dieta diária, com mesa farta e variada, graças aos baixíssimos preços dos alimentos à disposição de todos em feiras e supermercados. Nada mais enganoso do que esse retrato idílico, propagandeado pelos produtores de grãos e carne.

Por trás dos números que anunciam seguidos recordes de produção agropecuária, há uma população faminta, composta por dezenas de milhões de brasileiros que buscam, diariamente, nos contêineres de descarte dos supermercados e no lixo, algum alimento capaz de prolongar-lhes a vida até o dia seguinte.

Quem viaja por esse imenso país, observando os campos sem fim, tomados por monoculturas transgênicas de milho, soja, algodão, todas elas pulverizadas intensamente pelos mais poderosos agrotóxicos inventados pelos laboratórios multinacionais, estranha ao verificar que, por trás desse cenário de ficção, há a realidade da fome para desdizer tudo o que é visto.

O mesmo ocorre com a pecuária, cujos gigantescos latifúndios seguem, década após décadas, avançando sobre matas nativas, destruindo tudo em volta, reduzindo a vida natural à áridas extensões de pastagens, degradadas e irreversivelmente recuperáveis. Contudo, todo o subproduto desse portento agrícola, que chama a atenção de muitos países, não tem o condão de esconder a multidão de famintos, talvez, por uma simples e prosaica razão: toda essa produção, capaz de trazer superávits seguidos na balança comercial, se insere dentro do que ficou denominado de agrobusiness, uma atividade da economia, que, na prática, não produz alimentos, propriamente dito, e, sim, lucros para seus operadores diretos, sendo a maior parte dessa produção destinada ao mercado externo, que cota esses preços em dólares.

É isso que ocorre, num retrato preto e branco, com o agonegocio. O resto é tentativa de explicação, num economês ilusório, capaz de encher laudas e mais laudas com números, mas incapaz de colocar um grão sequer no prato dos famintos que não param de crescer.

» A frase que foi pronunciada

“Lutamos contra a agricultura, após a África morrer de fome. Racionamos água, depois de drenar nossos aquíferos. Debatesmos a mudança climática, depois que o mundo pega fogo. Quero fazer algo antes do tempo, ao menos uma vez.”

Utopia (série)

Mais créditos

» Em discussão na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei nº 6494/19, onde os créditos de até 400/horas/aula em cursos técnicos poderão ser aproveitados na instituição superior, desde que a educação profissional tenha sido na modalidade presencial. O deputado professor Israel Batista foi eleito presidente da Comissão especial que analisará o assunto.

Dá voltas

» Poucos sabem que o artista plástico Sérgio Esmeraldo, premiado em diversos países, foi expulso do colégio que estudava, no Crato, por estar com um livro de Jorge Amado. A cidade se redimiu organizando uma mostra com dezenas de peças do artista.

Mais atenção

» Discutido o projeto de lei que cria a Política Nacional de Atenção à Oncologia Pediátrica. A iniciativa traz diretrizes para prevenção, detecção precoce, tratamento, assistência social e cuidados paliativos. A relatoria é do senador Lasier Martins, que destaca a atenção merecida pelo assunto, que, hoje, não é parte da política nacional para câncer do Sistema Único de Saúde.

» História de Brasília

Quem conhece o grego Metachas, dos tempos do Anfrido passarão quando souber que esse mesmo senhor está agora, dentro da Prefeitura reivindicando os lotes que não regularizou. (Publicado em 17/2/1962)